

DISCUTINDO RELAÇÕES DE GÊNERO NO CONTEXTO PRODUTIVO DA ERVA-MATE: Um estudo com mulheres camponesas no município de São Mateus do Sul-PR

Carina Bill Wieczorkoski ¹

Resumo

Este artigo é fruto de uma pesquisa que está em andamento, no âmbito do curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal do Paraná (UFPR) Setor-litoral, ou seja, é parte do Projeto de Aprendizagem vinculado a um eixo pedagógico do setor. O Projeto de Aprendizagem consiste em um espaço de formação que visa o processo de pesquisa desde o início do curso. O objetivo geral desta pesquisa é identificar as relações de gênero no contexto produtivo da erva-mate, buscando valorizar o saber e o trabalho das mulheres camponesas. Do estudo empreendido foi possível constatar que foi muito intensa a participação das mulheres nas comunidades do município de São Mateus do Sul-PR no cultivo e renda da erva-mate.

Palavras-chave: Mulheres, erva mate, Educação do Campo.

Introdução

No município de São Mateus do Sul-PR a erva-mate é cultura e fonte de renda para muitas famílias que vivem no campo. Nesta pesquisa busca-se analisar a participação e o trabalho das mulheres e suas peculiaridades dentro do processo produtivo da erva-mate, entendendo-o como uma atividade praticada há muito tempo pelas mulheres camponesas, que provém da cultura indígena na região. Busca-se evidenciar as características específicas da jornada de trabalho que essas mulheres estão submetidas, e também destacar o seu papel na geração de renda familiar.

O objetivo geral desta pesquisa é identificar as relações de gênero no contexto produtivo da erva-mate, buscando valorizar o saber e o trabalho das mulheres camponesas. Articulados a este, os objetivos específicos são: 1) Apontar a visão das mulheres camponesas em relação à produção da erva-mate e resgatar os impactos da produção na vida social e econômica das mesmas; 2) Evidenciar as transformações ocorridas na produção da erva mate a partir de processos de industrialização e do avanço do agronegócio no campo, e seus impactos junto às comunidades em estudo; 3) Evidenciar a importância de aspectos culturais

¹ Universidade Federal do Paraná (UFPR) Setor-Litoral. E-mail: carina.bill@yahoo.com.br

relacionados à produção da erva-mate, isto é, lembranças de festas, bailes e puxirões que contribuíram historicamente para valorizar o saber das mulheres camponesas, tendo em vista a diminuição destes espaços de socialização nas comunidades, devido ao aumento da tecnologia de campo desde a Revolução Verde.

A importância deste estudo se encontra em resgatar, reconhecer e valorizar a história das mulheres camponesas no cultivo, produção e venda da erva-mate, pois entendemos que esta é uma história oculta, tendo em vista as raízes patriarcais no campo e a histórica relação de opressão a qual estas mulheres estão submetidas. Produzindo relações de invisibilidade social, isto é, como se elas nunca tivessem contribuído economicamente e produtivamente no cultivo da erva-mate.

A metodologia utilizada está fundamentada na realização de trabalhos de campo, entrevistas e pesquisa bibliográfica. Buscamos dar voz as mulheres para que elas falem e expressem seus sentimentos, as opressões vividas, devido a comportamentos machistas de seus pais, irmãos, maridos e até mesmo de outras mulheres. Neste sentido, ressalta-se que foram entrevistadas mulheres que trabalharam na erva-mate em quatro comunidades do município, onde a erva-mate segue sendo forte até os dias atuais, quatro mulheres por comunidade, sendo duas mais idosas e duas da geração mais nova, com finalidade de se fazer comparações em relação a sua opinião na produção.

O Município de São Mateus do Sul-PR: Território do cultivo da Erva-Mate

Segundo dados mencionados no site da prefeitura do município, São Mateus do Sul possui uma área de 1.342,633 km², com população de pouco mais de 40 mil habitantes. Diante dos dados, cerca de 58% vivem na área urbana e 42% na área rural, em torno de 5 mil pequenas propriedades.

São Mateus do Sul faz limites com as cidades de Antônio Olinto, São João do Triunfo, Mallet, Paulo Frontin, Rebouças e Rio Azul, no estado do Paraná; e com Canoinhas e Três Barras, no estado de Santa Catarina. A hidrografia nos mostra que o município é cortado pelos rios Iguaçu e Potinga, e banhado ao sul pelo Negro, na fronteira com Santa Catarina.

A economia do município destaca-se hoje na área industrial, pela usina de xisto da Petrobrás, extraindo do folhelho pirobituminoso (óleo, nafta, gás industrial e enxofre) para os mais diversos setores da indústria e pela produção de revestimentos cerâmicos pela Incepa².

A indústria ervateira é outra atividade que se desenvolveu, demonstrando a atividade com a erva-mate do município, considerado um dos maiores produtores brasileiros, com 50% de sua área de florestas e ervais nativos ainda preservados. As empresas de maior destaque são a Baldo S/A, Vier, Elizabeth, Maracanã, São Mateus e Rei Verde.

Segundo dados da Secretaria da Agricultura e do Abastecimento do Paraná (SEAB), a produção agropecuária nos últimos anos, também tem uma importante participação na economia do município, registrando-se 6.300 propriedades, que é de 1340 km². A produção agropecuária do Município ocupa o 23º lugar no ranking estadual destacam-se como principais produtos: batata, milho, feijão, soja, fumo e erva-mate. Suínos, bovinos e aves e seus derivados também apresentam crescimento.

Sendo assim, São Mateus do Sul segue forte com a contribuição à arrecadação do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) estadual ocupando a 19ª posição entre os 399 municípios, tendo atualmente a atividade econômica dividida em 40% relativos à agricultura e serviços e 60% relativos à indústria.

As mulheres na sociedade de classes e as opressões de gênero: Indicativos para analisar o trabalho das mulheres camponesas na produção da erva-mate

Antes de destacar a participação ativa das camponesas no trabalho da produção e venda da erva-mate no município de São Mateus do Sul-PR, se faz necessário uma análise mais profunda da história da humanidade – o desenvolvimento da sociedade de classes – para que se possa entender criticamente o trabalho e a vida das mulheres nesse município na extração da *Ilex paraguariensis*³.

Entende-se que nos tempos primórdios da sociedade primitiva, a produção social estava organizada comunitariamente e tudo era distribuído através da igualdade entre o gênero feminino e masculino. Não havia a exploração ou opressão de um grupo sobre o outro,

² Indústria de revestimento cerâmico.

³ Nome científico da erva-mate.

portanto, configurava-se em uma sociedade sem classes. Nesta época, mesmo que as mulheres estivessem mais ligadas ao cuidado com as crianças, casa e alimentação, sendo que, mesmo havendo uma divisão sexual do trabalho, isso não resultava em uma desigualdade. Havia o entendimento pelos seres humanos, que todas as formas de trabalho eram imprescindíveis à sobrevivência humana (MMC, 2008).

[...] a sociedade matriarcal, sem classes sociais e sem domínio dos homens sobre as mulheres, foi a que vigorou no maior período da história da humanidade, ou seja: dos vinte milhões de anos, passando pelo desenvolvimento da sociedade de caça, onde os homens desenvolveram maior força física, até mais ou menos 20.000 anos, houve existência desta sociedade. (MMC, 2008, p.6).

As opressões contra as mulheres surgem na transição da sociedade sem classes, para essa atual que é dividida em classes, e a principal consequência disso é o crescimento na produtividade do trabalho e a apropriação privada de um excedente de produção baseado na exploração do trabalho de homens sobre outros homens (ENGELS, 1984).

Esta característica perpetuou em diferentes sociedades, como as sociedades escravistas, feudalistas e na própria sociedade capitalista, cada qual com formas distintas. Em meio a isso, se desenvolveram instituições como a família patriarcal e o Estado, e com eles, os aparelhos ideológicos, como a igreja, a escola, e a mídia. Esta complexa e longa transição, contribuíram para a legitimação das opressões de gênero. Neste contexto,

Na passagem do modo de produção feudal para o modo capitalista este ônus social pesará sobre os elementos inferiores da antiga ordem que, progressivamente, se vão constituindo como classes sociais subprivilegiadas. Torna-se clara, no novo regime, a divisão da sociedade em classes sociais e a exploração econômica de que é alvo uma delas por parte da outra. O modo capitalista de produção não faz apenas explicitar a natureza dos fatores que promovem a divisão da sociedade em classes sociais. Lança mão da tradição para justificar a marginalização efetiva ou potencial de certos setores da população do sistema produtivo de bens e serviços. Assim é que o sexo, setor de há muito selecionado como fonte de inferiorização social da mulher, passa a interferir, de modo positivo para a atualização da sociedade competitiva, na constituição das classes sociais. (ENGELS, 1984, p.35).

A sociedade de classes fez com que as mulheres se tornassem dependentes economicamente dos homens, sendo colocadas em uma posição de inferioridade. Isto porque com a exploração do trabalho, a atividade doméstica exercida por elas não é considerada trabalho pelo fato de não ser remunerado, isto é, não possui um valor de troca como a maioria dos trabalhos existentes na sociedade capitalista, onde os trabalhadores vendem parte de seu tempo para conseguir sobreviver na sociedade de consumo.

Com a estruturação da família patriarcal, as mulheres passam a ser responsáveis pela sobrevivência, a alimentação e o cuidado com crianças, idosos, doentes, e todos os componentes da família, inclusive daqueles que vão ao mercado vender sua força de trabalho de forma assalariada. Elas ficam restringidas a instituição familiar com o papel de reprodução da vida de seus membros. Portanto, passam a ser desconsideradas em atividades coletivas, dedicando-se à vida privada nas atividades domésticas e sendo excluídas de todas as esferas públicas, isto é, passam a ser oprimidos enquanto gênero feminino (MMC, 2008).

Com os processos de industrialização, as mulheres além de possuírem a tarefa imposta pela sociedade patriarcal de cuidar da dimensão privada, passam a se inserir na dimensão produtiva do capital, e a consequência foi a dupla jornada de trabalho, ou seja, na esfera privada no âmbito da família, e na esfera pública em fábricas, comércios, entre outros. Portanto, considera-se que a instituição familiar é parte da sociedade de classes, pois colabora para a manutenção das opressões de gênero sobre as mulheres. (MMC, 2008).

Na sociedade moderna, ainda dominada pelos homens através do patriarcado, se intensifica o processo de desigualdade. No entanto, as mulheres organizadas em movimentos sociais buscam construir um mundo mais justo e igualitário e alcançar um patamar mais favorável para suas vidas. Compreendem que enfrentam diariamente vários preconceitos pelo fato de ser do gênero feminino, sendo vistas pelos olhos do machismo como frágeis, inseguras, incapazes, tanto física como mentalmente. Apesar de serem contraditórias e mentirosas essas facetas construídas pela sociedade patriarcal, algumas mulheres acreditam nisso. Isto porque historicamente os homens buscam justificar a inferioridade das mulheres.

O acúmulo de conhecimento humano, o avanço da ciência, a luta de tantas companheiras pela libertação de sua condição de ser mulher, a sua participação na intelectualidade, e na economia da sociedade, possibilitou o surgimento de vários movimentos e organizações sociais de luta por uma sociedade mais justa e igualitária, e nesta luta a centralidade dos direitos da mulher. Toda a trajetória de lutas das mulheres desde o século XIX possibilita a compreensão de que o patriarcado se inicia com o surgimento da sociedade de classes e não somente no capitalismo, mas que no capitalismo é ressignificado com vistas a contribuir com a manutenção das relações de poder. (PLATAFORMA POLITICA FEMENISTA, 2002).

[...] patriarcado como um pacto masculino para garantir a opressão de mulheres. As relações hierárquicas entre os homens, assim como a solidariedade entre eles existentes, capacitam a categoria constituída por homens a estabelecer e a manter o

controle sobre as mulheres. Seguramente, este regime ancora-se em uma maneira de os homens assegurarem, para si mesmos e para os seus dependentes, os meios necessários à produção diária e a reprodução da vida. (SAFFIOT, 2015, p.111).

Apesar disso, nos últimos anos as mulheres brasileiras conquistaram direitos significativos em relação à igualdade de gênero. Esses avanços ocorreram partir das lutas de organizações sociais, como por exemplo, do Movimento de Mulheres Camponesas (MMC), que surgiu a partir de 1983. Essas mulheres começaram a construir uma nova Plataforma Política Feminista (2002), isto é, um documento de conteúdo diversificado, que possuía a finalidade de transformar as mulheres em sujeitos políticos, a partir da ótica feminina. Além disso, o documento possui análises e desafios para a sociedade e para os movimentos que lutam pelos direitos das mulheres. Temas como democracia política, justiça social, inserção do Brasil no contexto internacional, democratização da vida social, liberdade sexual e reprodutiva, foram pautas dessa organização, somando estratégias de luta. (PLATAFORMA POLÍTICA FEMENISTA, 2002).

Neste âmbito pode-se dizer que é recente a proposta de incorporar a questão de gênero nas políticas públicas, sendo esta uma demanda colocada por movimentos organizados e pelos organismos internacionais, e reivindicado desde as Conferências Mundiais de Mulheres, em 1975, no México e em 1995, em Pequi (UNIFEM, 2006).

Com a constituição de 1988, o Brasil retificou importantes tratados internacionais e elaborou diversas leis, entre as quais se destacam a legislação que estipula o mínimo de 30% e o máximo de 70% para candidaturas de cada sexo e a reformulação do Código Civil. Mais recentemente, foram criadas a Secretaria de Estado dos Direitos da Mulher, em 2002, – transformada em 2003 em Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres (SPM) –, e a Secretaria Especial de Políticas da Promoção da Igualdade Racial, em 2003, que por si sós já sinalizam avanços institucionais importantes, pois mostram um compromisso das políticas do Estado com as questões de gênero e raça. A mobilização de mulheres negras e indígenas ganhou impulso no movimento feminista e na vida política nacional. (UNIFEM, 2006).

Portanto, entende-se que as desigualdades entre os gêneros é uma das formas pelas quais se reproduzem as desigualdades. Existem muitos conflitos e desigualdades entre homens e mulheres. Grande parte desses conflitos é devido à divisão sexual do trabalho e do poder entre os sexos, sendo favorável aos homens e prejudiciais às mulheres.

Neste contexto complexo, busca-se nesse trabalho revisitar a história que sempre foi contada pelos homens, a partir dos múltiplos olhares de mulheres camponesas do município

de São Mateus do Sul-PR, sobre a produção e o cultivo da erva-mate. Quando damos vozes às mulheres camponesas e analisamos o funcionamento das relações sociais no campo, percebemos que há mulheres que reproduzem o machismo, pois foram e ainda são obrigadas a defender as imposições, porque foram educadas dentro do contexto da sociedade patriarcal, bem como do sistema econômico que está em vigor.

As mulheres camponesas no processo produtivo da Erva-Mate

Tendo em vista a importância de discutir as relações de gênero dentro do contexto produtivo da erva-mate em São Mateus do Sul-PR, ressalta-se a participação ativa das mulheres camponesas na produção, colheita e secagem da erva-mate, sendo a venda do produto gerenciada pelos homens da família. Isto é, enquanto as mulheres trabalham nas mesmas funções que os homens e ainda incorporam os afazeres domésticos em uma dupla jornada de trabalho, estas mulheres são impedidas de realizar a venda e ter o conhecimento do lucro obtido com a produção.

Esta realidade decorre de um conflito entre o gênero feminino e masculino, que para Gebara (2001), consiste em diferenças socialmente construídas entre homens e mulheres, atribuídos a aspectos biológicos. Ou seja, mulheres e homens tem corpos e sexualidades diferentes, além da maternidade ser parte exclusiva feminina, e este fato é usado para justificar as opressões sobre as mulheres, isto é, uma suposta superioridade do gênero masculino sobre o feminino.

São relações estabelecidas pela cultura e relações que se dão na forma de dominação social de um gênero sobre o outro, e por isso discutir as relações de gênero é importante e torna-se revolucionária, pois “deixa claro que a discriminação vivida pelas mulheres não é um problema exclusivo das mulheres ou advinda de uma ‘incapacidade natural’, mas resultado das relações sociais entre os sexos construídas ao longo da história. (ARUANI E HIRATA, 2004, p.15.)

Neste sentido, foram entrevistadas mulheres camponesas de quatro comunidades diferentes do município de São Mateus do Sul-PR, a comunidade de Espigãozinho, de Rio do Meio, de Vargem Grande e de Pimenteira.

Sobre o processo produtivo da erva-mate, a partir dos relatos das mulheres da geração mais avançada, obteve-se o conhecimento de que tempos atrás a família inteira trabalhava,

com um número que chegava a até 11 filhos por casal onde a erva era podada a cada quatro anos, sendo que os homens cortavam a erva nativa com a foice, o chão era varrido para não misturar nada, era feita com muito capricho, as mulheres faziam ⁴caeira para sapecar a erva, levavam em camadas pequenas, depois passava para as grandes, e em seguida amarrada em feixes. Juntava-se todas as folhas do pé de erva. O processamento era através do sistema barbaquás, levada na carroça para o carijó⁵ para secar durante três dias. Depois de seca a erva saía da bica para a cancha, onde era moída com o cavalo.

Depois de moída caía em baixo da cancha, onde as mulheres juntavam em sacos de estopas, e os pauzinhos que ficavam na parte de cima eram aproveitados para fazer o chá mate que se tomava durante a semana toda e somente no domingo e dia santo que era feito o café. Algumas mulheres ainda crianças trabalhavam na erva durante a manhã e de tarde iam para a escola, como relatado por duas mulheres camponesas:

Minhas mãos tudo queimava na caeira e o vento jogava o fogo. Tudo descalço não tinha dinheiro para comprar calçado, levava água nos purungos para a erva, aí lavava bem e trocava a água dele para não pegar cheiro. (A. 62 anos).

Até lenha para secar a erva eu picava, cortava, sapecava com fogo, o vento soprava, de madrugada cortava e a noite sapecava porque não tinha vento, levava a erva para o barbaquá de carroça, colocava no carijó, eu roçava capoeira, carpia roça ia a pé, vinha de tarde, de tarde buscava mandioca pra janta, trabalhava até a noite. (H. 57 anos).

Pouco mais tarde, as mulheres usavam a taquara para amarrar os feixes⁶ de erva quebrada, que passaram a fazer bolas em estacas de pau amarradas por taquara. Quando a erva ficava longe de casa as mulheres levavam o almoço já preparado. A colheita geralmente começava no mês de maio, para que se desse o tempo de colher tudo durante o inverno.

Eu e a mãe juntava os galhos, quebrava os maços e fazia feixes e lá ficava a noite inteira para cortar e secar, os vizinhos iam lá tomar chimarrão, comer pinhão e comer ovo cozido. (M. 77 anos).

Pode-se observar o quanto era penoso o trabalho das mulheres na colheita da erva-mate, pois desde criança muitas já exerciam esta atividade produtiva no campo.

⁴ Quando colocava-se a erva cortada e enfileirada.

⁵ Onde secava a erva, feito fogo em baixo, e o carijó ficava em cima, feito com tábuas finas, onde se colocava a erva.

⁶ Maços de erva enfileiradas, amarrados em fitas de taquara.

Nesta época, existia a cooperação entre vizinhos na secagem dessa cultura, onde faziam um puxirum,⁷ ou seja, havia a troca de dias de serviços entre as pessoas da comunidade. “Sapecavam a erva e a noite faziam caeira de fogo, se reunião para fazer o pixirum para quebrar a erva, a noite depois da janta” (L. 68 anos).

Nos domingos levantavam de madrugada para realizar os serviços e, ir à missa, sendo que havia duas missas por dia. Sendo que, ninguém podia faltar, mesmo que fossem nos bailes, tinha que ir, pois se as mulheres decidissem em não ir apanhavam do pai.

Com relação a igreja várias mulheres relataram a desigualdade dentro da mesma, onde elas tinham que sentar de um lado longe dos homens, e somente olhando para frente. Até, mesmo o nome de seus filhos as mulheres não decidiam, era somente o padre, que retirava de santos e de nomes poloneses. Então, mostra-se fortemente a religiosidade presente e esse trabalho rotineiro das camponesas, a opressão e violência contra as mulheres em uma educação familiar pautada no machismo.

Muitas dessas camponesas trabalhavam com o pai na erva-mate, depois se casavam, tinham filhos, e os levavam juntos, em cestos para a colheita. Além disso, após a colheita da erva mate, muitas ainda trabalhavam no plantio de milho, arroz, feijão, abóbora, moganga, amendoim, melancia, melão, pepino, além da horta em casa que alimentava toda a família.

A partir dos relatos com mulheres camponesas de gerações mais atuais, constata-se que atualmente a erva-mate é quebrada dentro de sacos enormes de plástico, e é levada em caminhões para a ervateira, onde é empacotada, vendida nos mercados e transportadas do município. Na sociedade capitalista, infelizmente o maior lucro fica nas indústrias e muitas camponesas são obrigadas a trabalhar como assalariadas no espaço da cidade. Esta mudança é consequência da reconfiguração do trabalho no campo marcada pelo avanço do agronegócio.

Nos dias atuais, a participação das mulheres no cultivo da erva-mate é mínima, sendo que as mesmas só quebram a erva sobre cordas ou em sacos enormes de plásticos. Depois disso, o dono do erval pesa para ser pago em quilos pelo trabalho, aí então a erva é transportada em caminhões até as indústrias ervateiras do município, onde será processada e empacotada.

Em relação à venda da erva-mate, na comunidade do Rio do Meio podemos perceber a desigualdade e submissão das mulheres em relação aos homens na hora da venda do produto.

⁷ Convidava-se os vizinhos para ajudar na colheita, onde no final se fazia a janta e o baile.

Quem ia negociar a erva era o pai, enquanto era vivo, e a mãe ia junto de carroça, o pai não frouxava o dinheiro para a mãe, e a mãe só obedecia. Aí eu fui crescendo e era a motorista da mãe. (L. 68 anos).

Portanto pode-se afirmar que a mulher trabalhava em todos os processos de produção e colheita da erva-mate, mas o poder financeiro não estava em suas mãos, não podendo decidir o que iria comprar com os frutos de seu trabalho.

Além desse trabalho com a erva-mate, as mulheres na tentativa de buscar uma fonte de renda alternativa, plantavam verduras, semeavam centeio e trigo para fazer a broa, batatinha, milho, a batata doce, ovos e vendiam na cidade.

Percebe-se o quanto as mulheres buscavam criar tentativas de sobrevivência em meio a opressão machista vivida, na busca pela sua emancipação e visibilidade no campo. Além disso, mesmo na geração mais nova, o machismo e submissão das mulheres estão presentes, pois as elas ainda não têm o poder econômico, pois trabalham junto com seus maridos e pais na colheita da erva-mate, ou seja, na maioria dos casos o dinheiro fica somente nas mãos dos homens.

A questão das terras de produção de erva-mate

Dentre as mulheres da geração avançada, todas relataram que a terra pertencia aos seus pais, e que sempre ele ia comprando os pedacinhos para ir juntando, onde essa compra se dava exclusivamente com a renda da erva mate. Em contrapartida, as mulheres de geração mais nova, relataram que trabalhavam para os donos de terras, quebravam por quilo para ser levado as indústrias. Isto é, pode-se perceber a questão do controle da terra de ervais pelos fazendeiros e a autonomia perdida das famílias camponesas envolvidas com o cultivo da erva-mate.

As terras na região da Vargem Grande tinham-se os donos, mas que era sob o sistema de faxinais, ou seja, não tinha cerca dividindo os terrenos e os animais circulavam por todo o faxinal e a erva mate era abundante em meio a isso. Hoje cada um tem sua terra cercada e a erva mate nativa acabou com a derrubada da araucária, pois as fortes geadas que faz na região afetou muito, levando ao plantio em monocultivo e com o uso excessivo de agrotóxicos.

Nesse contexto, as mulheres não são donas das terras onde produzem erva-mate, pois apenas trabalham para fazendeiros. Esta precarização do trabalho é resultado da intensificação

do modelo do agronegócio no campo e com a industrialização da erva-mate, que causou o fim do sistema artesanal de plantio dos barbaquás e o empobrecimento das famílias e mulheres camponesas, acentuando ainda mais as opressões contra as mulheres.

As lembranças de festas e do trabalho cooperado

Antes da Revolução Verde no Campo, as pessoas se reuniam em torno de um trabalho cooperado, que era chamado por essas comunidades em estudo de puxirum, ou seja, todos e todas se ajudavam com a colheita e processamento da erva-mate, onde o fogo para secar a erva nos barbaquás era feito a noite inteira. Geralmente o dono do erval fornecia a alimentação e o fim de semana era marcado com a cultura de bailes em paiol. Era trabalhosa a colheita e o processamento da erva-mate, mas as comunidades giravam em torno de um trabalho prazeroso e satisfatório, com muita festa.

Os bailes eram todos clareados com lampião a gás, não existia energia elétrica ainda, algumas mulheres relataram a opressão vividas pelos pais, pois não podiam ir a esses bailes e determinadas festas, pelo simples fato de serem do gênero feminino, onde a noite não podiam sair.

O pai não deixava as filhas mulheres ir ao baile, e nas festas era só acompanhada pelo pai. (N. 55 anos).

Existe portanto, aspectos culturais relacionados à produção da erva-mate, sobretudo nos sistemas barbaquás, por meio das lembranças de festas, bailes, puxirões, que contribuíram historicamente para valorizar o saber das mulheres camponesas, sendo que o trabalho cooperado vem diminuindo cada vez mais no campo e nas comunidades, devido ao aumento da tecnologia e da precarização que sucumbiu com os processos de socialização próprios da cultura das comunidades envolvidas nos processos produtivos da erva-mate.

As mulheres e o trabalho doméstico no campo

O controle do homem em suas condutas sobre a mulher é parte do funcionamento dessa sociedade machista e patriarcal, responsável por gerar mulheres trabalhadoras, sem que o mercado gaste nada com isso. O sistema capitalista recria a discriminação da mulher segundo as suas necessidades e sem formas de resistir, a mulher acaba reproduzindo e

garantindo a manutenção da mão-de-obra gratuita com as tarefas do lar. Sua única função é idealizada como reprodução biológica e social. (MMC, 2008).

Mesmo que as camponesas possuam alguma renda, isso não significa que as mulheres possuam autonomia, pois não é ela que decide o que fazer com o dinheiro, resultado de seu trabalho, tampouco decidir sobre os rumos de sua propriedade, a não ser que faça isso através de pequenas experiências, como podemos observar nessa pesquisa.

A partir das análises de Iasi (1993) baseado em Marx, segue a mesma linha de pensamento ao discutir o trabalho doméstico e trabalho da mulher, para entendermos segundo ele, precisa-se tomar como base de análise a economia política marxista, que não se contradiz ao movimento feminista, e sim nos impulsiona a entender melhor o processo. Segundo o autor, precisamos entender os processos de trabalho, a partir das três bases de Marx: Ser humano e a relação com a natureza, processos de trabalho e produção de mercadoria e a mais-valia.

Em sua manifestação concreta o trabalho doméstico é um conjunto de tarefas realizadas no âmbito de esfera privada e que consiste, no geral, em preparar os alimentos, manter níveis de higiene doméstica e cuidados com os filhos. Este mesmo trabalho concreto pode, numa família camponesa, por exemplo, gerar apenas valores de uso, ser uma atividade profissional de uma empregada doméstica, ou ser realizada por um membro da família proletária. Neste caso pretendo argumentar que é uma atividade que gera valor sem que com isto gere mais valor, ou valorize o capital, sendo portanto, improdutiva (IASI, 1993, p.2).

Sendo assim, pode-se dizer que é uma atividade que gera valor, sem que com isso gere mais valor ou valoriza o capital diretamente, sendo, portanto improdutivo. A mulher é desvalorizada devido a divisão social e sexual do trabalho na sociedade capitalista.

Para a economia política, numa perspectiva marxista, a força de trabalho é uma mercadoria. O valor de uma mercadoria ocorre pelo tempo que ela leva a produzir e se reproduzir. No caso das mulheres camponesas que trabalhavam ativamente na erva-mate, elas também faziam tudo nas suas casas durante os finais de semana.

Antes do trabalho da colheita da erva, a mulher acordava as quatro ou cinco da manhã, para tirar o leite das vacas e dar comida aos animais. Preparava o café para a família toda, serviam a broa e o pinhão assado. Desde crianças as mulheres realizavam esses trabalhos considerados domésticos, como lavar a roupa de toda a família, um trabalho considerado sofrido pelas camponesas entrevistadas.

Ao chegar a casa depois da colheita as mulheres tiravam novamente o leite, faziam o requeijão, a nata, cortavam a lenha, juntavam ovos de galinha, alimentavam os animais,

guardavam o sapé para iniciar o fogo no fogão a lenha muitas vezes fazia a quirera na jorna⁸ descavam a abóbora para comer junto. Essa dupla jornada de trabalho das camponesas, que na parte da noite, as mulheres sozinhas faziam a janta, enquanto o homem sentado tomava chimarrão.

Aos finais de semana as mulheres também não descansavam, pois ainda precisavam fazer pães, cuques, bolachas no forno à lenha, torrar amendoim para fazer torrões, esquentar água para toda família tomar banho na banheira, lavar toda a casa com cinza para que o chão ficasse branco. Na época não existia luz e a casa era iluminada a noite por lampião a querosene ou a gás.

Lavava a roupa numa tábua no rio, não existia nem esfregadeira, nem tanque, batia a roupa com uma tabua de madeira, e o sabão era tudo feito em casa, com as tripas de porco e soda. (N. 55 anos).

Mesmo com as camponesas mais jovens é visível em suas falas essa dupla jornada de trabalho que a mulher está submetida no campo. Sendo que, o trabalho das mulheres inicia-se as 6 da manhã com o café, o cuidado com os filhos, o preparo da alimentação de toda a família, onde vai para o cultivo da erva trabalhar e quando volta à tarde ainda tem todo o trabalho considerado doméstico para fazer. Nos fins de semana tem toda a casa para limpar, roupa de toda família para lavar e a alimentação a ser feita.

O homem senta e descansa, e a mulher nunca descansa pois tem que fazer os serviços da casa, mandar o filho para a escola. (J.22 anos).

Hoje algumas mulheres, mesmo com a opressão machista, buscam outras fontes de renda com a produção de verduras na entrega para o Projeto de Aquisição de Alimento (PAA), mesmo que isso passe a agregar alguma renda também passa para o controle do homem, são elas as principais lideranças nas igrejas, mas que com isso sempre a dupla jornada de trabalho no âmbito doméstico.

Portanto, a economia política marxista nos oferece a base para entender as relações de gênero dentro do contexto produtivo da erva-mate, sendo que, o trabalho doméstico produz valor, pois permite a reposição da força de trabalho, ou seja, as mulheres camponesas

⁸ Era feito a mão pelos camponeses/as, de madeira redonda, onde girava prensando para moer o milho e fazer a quirera.

garantem que os homens possam trabalhar no campo, na produção da erva-mate, ou vender sua força de trabalho de forma assalariada, através dos afazeres domésticos.

Considerações preliminares

Do estudo empreendido foi possível constatar que foi muito intensa a participação das mulheres das comunidades do município de São Mateus do Sul-PR no cultivo e renda da erva-mate na década de 80. No entanto, não há a valorização por parte das próprias comunidades envolvidas, devido ao machismo e a opressão que está fortemente presente, ou seja, é necessário tecer outras relações no campo para que estas mulheres possam libertar-se economicamente, socialmente e politicamente.

O que determina a maneira como a sociedade se organiza e as formas de relações sociais é o modo de produção, que atualmente é capitalista. Neste contexto, a cultura da erva-mate passou a ser feita em monocultivos, com o uso de agroquímicos, visando somente o lucro, havendo a perda da terra por parte das famílias camponesas e dos hábitos e costumes dos povos do campo, impactando negativamente a vida social, cultural e econômica das mulheres, acentuando ainda mais sua submissão.

Foi possível constatar que o avanço do agronegócio no campo sobre a cultura da erva-mate produz a apropriação do trabalho doméstico no campo para geração de lucro, gerando uma intensa exploração e transformando as camponesas em proletárias.

Neste sentido, a luta contra o capitalismo toma forma de uma luta pela sobrevivência e autonomia das mulheres camponesas, que até então vem configurando uma classe dominada. Para tanto, devem buscar se organizar na luta por seus direitos, bem como pelo acesso à educação pública e de qualidade.

As camponesas ainda pertencem à uma classe dominada, e foram e continuam sendo oprimidas em todos os sentidos. Assim sendo, essa é uma discussão que precisa ser fomentada no âmbito da Educação do Campo, ressaltando a participação e o reconhecimento das mulheres camponesas na produção e venda da erva-mate e em diversas atividades agrícolas. A Educação do Campo se configura como importante ferramenta nesta luta, para emancipação

dos sujeitos com possibilidades de conscientização e formação das mulheres numa perspectiva de assumir-se como protagonistas de sua história.

Referências Bibliográficas

CARREIRA, Denise coordenação. **Igualdade de gênero no mundo do trabalho: projetos brasileiros que fazem a diferença**. São Paulo: Cortez, Brasília, DF: Fundo de Gênero Brasil-Canadá (FIG), 2004.

ENGELS; Friedrich. **A origem da família e a propriedade privada**. Editora civilização Brasileira S.A., rio de Janeiro, 1984.

Fundação Ford CEPIA. **O progresso das mulheres no Brasil**. Brasília, 2006.

GEBARA, Ivone. **Cultura e relações de gênero**. Cepies. São Paulo, 2001.

GOVERNO DO PARANÁ. <www.saomateusdosul.pr.gov.br/o-municipio/geografia> Acesso em 06 abr. 2017.

GARCIA. M. F. de. **A LUTA PELA TERRA SOB ENFOQUE DE GÊNERO**.

Os lugares da diferença no Pontal do Paranapanema. Tese (Doutorado em Geografia)-Faculdade de Ciência e Tecnologia de Presidente Prudente da UNESP, Presidente Prudente, 2004.

IASI, Mauro. **Trabalho doméstico e valor**. São Bernardo do Campo, 1993.

MOVIMENTO DE MULHERES CAMPONESAS. **Gênero, Sexualidade e direitos das mulheres**. Chapecó, SC, 2008.

Plataforma Política Feminista. **Conferência Nacional de Mulheres Brasileiras**. Brasília-DF, 6 á 7 de junho de 2002.

PORTAL DO MUNICÍPIO DE SÃO MATEUS DO SUL.
<www.saomateusdosul.pr.gov.br/o-municipio/historia/> Acesso em 06 abr. 2017.

SETOR DE GÊNERO - MST. **Construindo novas relações de gênero desafiando relações de poder**. São Paulo, 2005.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero Patriarcado Violência**. 2. Ed. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**; prefácio de Antônio Cândido de Mello e Souza. Petrópolis, Vozes, 1976.

TAVARES, Joselita; COSTA, Josineide; FAGUNDES, Marli. **Diversidade produtiva das mulheres do MPA**. 1. Ed. São Paulo, 2016.